

Banco Central garante que não muda política

As aplicações do Banco do Brasil voltarão a crescer depois do carnaval e ninguém no Banco Central aceita a tese de que a presença dos economistas do Fundo Monetário Internacional (FMI) significa maior arrocho monetário. A crescente quebra de empresas, a alta dos juros e o agravamento da recessão e do desemprego, de um lado, e a inflação persistente na faixa de 9 a 10% ao mês e o desvio na expansão monetária de janeiro, de outro, ainda não chegam a levar o Banco Central a admitir mudanças de rota.

Após intensos contatos com os técnicos do FMI, o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, disse que o controle da moeda e do crédito vai seguir "estritamente" as metas do orçamento monetário, aprovado em dezembro de 1983, e considerou um grande equívoco qualquer correlação entre presença da missão do FMI e expansão do crédito.

Segundo fonte do Ministério da Fazenda, a missão do FMI está mais atenta, e satisfeita com a evolução dos dois principais indicadores do desempenho da economia brasileira: o déficit público e o crédito líquido interno. De resto — expansão da moeda e inflação —, como diz Pastore, "é questão de manter o ritmo apertado até que os resultados apareçam", sem alterações fundamentais na política econômica traçada.

Ao contrário da opinião de boa parte do público, as autoridades econômicas reiteram a prioridade número um do governo, de combater à inflação, e o presidente do Banco Central reiterou a confiança de que os instrumentos acionados permitirão reduzir a inflação mensal para a casa dos 2% em dezembro.